

## **Em Jundiaí, pesquisa detecta zika em 82% das grávidas**

**19/03/2016 - Folha de S.Paulo**

O resultado preliminar de uma pesquisa realizada no Hospital Universitário de Jundiaí (SP) indicou a presença do vírus da zika em 82% das grávidas de um grupo que não apresentava qualquer sintoma da doença.

A proposta é acompanhar as mulheres ao longo do tempo para entender a evolução da doença e calcular os riscos de complicações, como a microcefalia no feto. O vírus foi encontrado em 40 de 49 gestantes examinadas.

O estudo começou há 19 dias e os resultados devem ser vistos com cautela, alerta o coordenador Saulo Duarte, professor titular de pediatria da Faculdade de Medicina de Jundiaí.

As análises foram realizadas em parceria com a USP e, dado o alto índice de infecção, ainda devem ser repetidas para decidir se deve haver alguma mudança no estudo.

Os dados foram anunciados nesta sexta (18), em um simpósio sobre zika promovido pelo Instituto de Infectologia Emilio Ribas, em São Paulo.

Outra variante do estudo que deve ser levada em conta é que o grupo examinado é composto por mulheres em alto risco gestacional (que sofrem com diabetes, por exemplo).

Não se sabe, por exemplo, se o vírus pode agir diferentemente nelas. Os diagnósticos foram feitos com exames de PCR, que são bastante sensíveis e que conseguem detectar a infecção aguda.

Todos os filhos das gestantes examinadas, mesmo que saudáveis, serão acompanhados até os 3 anos de idade, quando o cérebro já está mais desenvolvido.

Duarte conta que nos últimos dias observou três casos de recém-nascidos com perímetro cefálico de cerca de 21 cm, o que pode indicar casos de microcefalia. Os diagnósticos ainda devem passar por uma confirmação baseada em exames de imagem. Oficialmente, não há casos no município.

Procuradas, a Secretaria de Saúde de Jundiaí e a Secretaria Estadual da Saúde disseram que não comentariam o estudo porque ainda não tiveram acesso a ele.

Maurício Nogueira, virologista e professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (SP), que conduz estudo semelhante, avalia que ainda é cedo para tirar conclusões—após 30 anos de epidemias de dengue, o índice médio de prevalência fica na casa dos 50% na região.

“Na pior das hipóteses, a gente imaginava que o zika se igualasse a isso”, diz. O cuidado com a divulgação se justifica: “Hoje, quando o bebê nasce, a primeira pergunta que a mãe faz é: ‘Qual o tamanho na cabeça do meu filho?’”, diz Duarte.